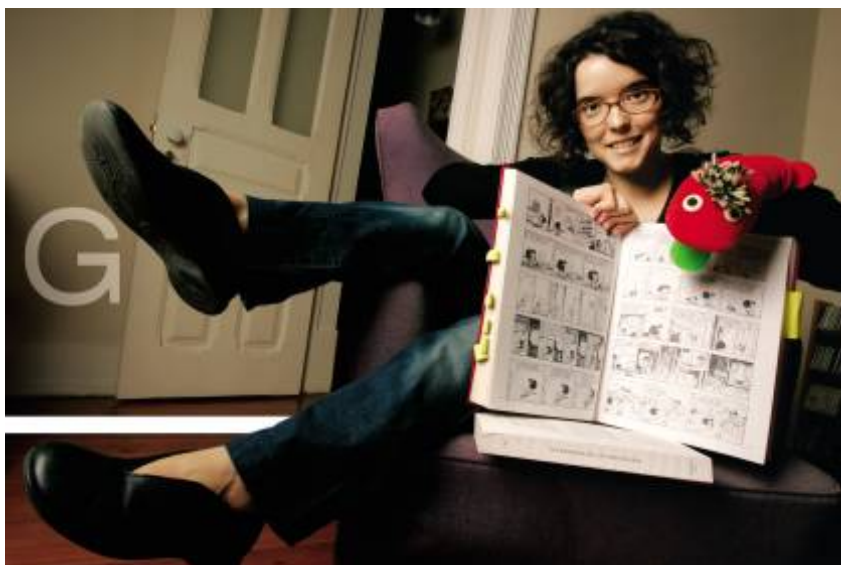


- [Motores](#)
- [WWW](#)
- [Quem TV](#)
- [Íntimo](#)
- [Vaidades](#)
- [Hi-tech](#)
- [Jogos](#)

## Geração pós-doc

As universidades e institutos não têm lugar para a nova geração de investigadores doutorados e pós-doutorados. Sem emprego, resta-lhes viver à míngua das bolsas

Alterar tamanho 



ANA CASTRO posa com Déde e o livro da Mafalda. Dois elementos usados na sua investigação

Na porta de entrada do apartamento de Ana Castro, no centro de Lisboa, está colada uma pequena tira de banda desenhada **Mafalda**, do argentino Quino. Nela pode ler-se uma dissertação do Manelinho, aquele de cabelos em pé, ambicioso e materialista: «Ninguém tem valor pelo que possui, mas por aquilo que é». No quadrado seguinte, reformula: «Disparate! Aquele que não possui, nem sequer é!»

Foram rasgos humorísticos como este que serviram de escape emocional a Ana durante todo o processo de investigação para o seu doutoramento, concluído no início deste ano, na área de Sintaxe Linguística. Em regime de co-tutela entre a Universidade Nova de Lisboa e a Université Paris 8, estudou as construções nominiais dos pronomes possessivos na língua portuguesa. Tempos de «grande esforço», como recorda. «Quando ia para a cama, esgotada, lia as tiras da **Mafalda** para descomprimir antes de adormecer. Assim evitava sonhar com as matérias da tese. Era a minha higiene mental».

Actualmente, acaba de iniciar o pós-doutoramento (pós-doc) onde se propõe a estudar em crianças falantes de português a aquisição de estruturas nominiais da língua, usando metodologias experimentais. Por outras palavras, Ana visita colégios e escolas acompanhada pela DéDé, a marioneta que ela própria fez e que, quando ligada por um fio ao seu computador pessoal, interage oralmente com crianças de dois anos de idade.

Ana Castro, 31 anos, faz parte da maioria de jovens investigadores ou bolsheiros de investigação portugueses que, após defenderem a sua tese de doutoramento, viram pela frente um deserto de vagas e oportunidades profissionais nos laboratórios, institutos e universidades nacionais. A Ana, restou-lhe encarregar num sistema contínuo de pedido de bolsas de pós-doutoramento, na grande maioria dos casos dirigidos à Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT, **ver caixa**), bolsas essas financiadas por um período não superior a três anos. Um estatuto precário e instável que o país

ABERTURA

Opinião

Textos

▪ [‘O que me tira o sono? A degradação ambiental’](#)

▪ [Geração pós-doc](#)

▪ [Pedro livre da agonia](#)

▪ [De olhos na liberdade](#)

Apetites

▪ [Pão e conduto](#)

Bem-estar

▪ [Sopros de vida](#)

Viajante

▪ [A Nigéria pelo meio](#)

Turista

▪ [Um lugar tranquilo](#)

Ciência

▪ [O carro do futuro](#)

Passeio Aleatório

▪ [O trivial](#)

▪ [Mães em ‘part-time’](#)

▪ [007: o sexto homem](#)

» [Gente](#)

Fotografia Expresso/BES

▪ [Frankenstein](#)

tem para dar a esta nova geração de cientistas portugueses.

1.500 euros/mês

O tal grande livro vermelho cheio com toda a banda desenhada da **Mafalda**, que acompanhou Ana durante a escrita da tese de doutoramento, converteu-se actualmente num dos seus objectos de trabalho predilectos. Tudo porque, a par do pós-doutoramento que tem em mãos - a sua principal actividade e fonte de rendimento -, Ana teve a sorte de ser convidada para dar meia dúzia de aulas na Escola Superior de Saúde, no Instituto Politécnico de Setúbal, na qualidade de professora adjunta equiparada no curso de Terapia da Fala. Como tal, ao ensinar a futuros terapeutas como se processa a aquisição da linguagem nos bebés, recorre frequentemente às tiras de Quino «porque são óptimas para dissecar nas minhas aulas», explica. Quanto a números, Ana não passou a ganhar mais pelo facto de dar aulas fora do seu estatuto de bolsreira. «Ganho 1.000 euros pelas aulas, e a Fundação só me dá os restantes 495 euros para perfazer os 1.500 euros que me eram devidos pelo pós-doc. Ora isto, com certeza, não estimula os bolseiros a procurarem inserir-se no mercado de trabalho», justifica.

Corrigir a rota

O percurso académico desta estudante não pode ser contado de uma maneira linear. Durante muito tempo, Ana sonhou ser jornalista. «Ligava a profissão àquela ideia quixotesca de mostrar a verdade dos factos. Mas também sempre quis levar o conhecimento a níveis mais profundos e o curso de Ciências da Comunicação pareceu-me muito generalista». Seguiu-se a licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas e a média final de 17 valores deixou-a perante um dilema: continuar na investigação... ou dedicar-se à docência no ensino secundário (que chega a experimentar naquele que identifica como «o pior ano da minha vida»).

Atirou-se para uma bolsa de doutoramento sem passar pelo mestrado. A média garantia-lhe essa possibilidade. Uma das razões que pesaram na sua decisão foi o facto de serem muito diminutas as bolsas previstas para os estudantes de mestrado, e só contemplarem o ano de escrita da tese. «É preciso ganhar para o pão», argumenta.

Iniciou o doutoramento com duas orientadoras de tese - uma em Lisboa e outra em Paris -, o que a obrigou a viajar com frequência para França (além de ter estado no M.I.T., em Boston, como Estudante Visitante).

Investigou durante quatro anos e levou mais um a escrever a tese, já o prazo da bolsa tinha terminado. Concluiu finalmente em Janeiro deste ano e logo a seguir veio o pós-doutoramento. «Ser investigadora é uma carreira, portanto faz sentido continuar. Até aqui estive num processo de formação, começo agora a ter mais autonomia científica». Planos para o futuro? «Se não me conseguir encaixar profissionalmente no meio académico, que é o mais provável, com certeza concorrerei a nova bolsa de pós-doc».

Borboletas em casa

André Levy, 34 anos, é outro bolseiro de investigação científica que não conseguiu ainda libertar-se do sistema de financiamento da FCT. Para fazer o seu doutoramento, viveu oito anos (de 1996 a 2004) na zona universitária de Stony Brook, em Nova Iorque. Estudou Ecologia e Evolução. A caixa de borboletas que apresentou na sessão fotográfica para o EXPRESSO pertence a um espólio com cerca de trezentos exemplares de várias cores e espécies,

apanhados por si nas redondezas da universidade, e que agora guarda em casa. «Durante a investigação observei as larvas dessas borboletas, que se alimentavam das plantas que eu andava a estudar - uma espécie de couve chamada *Brassica Rapa*». Aguentou-se durante esses oito anos na América porque nos primeiros quatro recebeu 2.245 euros da FCT, e nos restantes remediou-se com os 1.000 dólares (779 euros), de uma bolsa da universidade local como Teaching and Research Assistant (assistente de ensino e de investigação).



ANDRÉ LEVY fotografado com borboletas que usou para a sua investigação

Concluída a tese - pelo meio Levy passou por um episódio sério de depressão -, não hesitou em concorrer através da Internet a um pós-doc, numa universidade lisboeta. «Como sempre aspirei fazer carreira académica, não tive outro remédio. Raramente um professor universitário não apresenta um pós-doc no seu currículo. É a fase em que a pessoa mostra a sua capacidade enquanto produtor (eficaz) de ciência», explica. Inicia o pós-doc, em 2004, na área de Biologia Evolutiva. E desta vez com outro ânimo: «Senti-me mais confiante nas minhas aptidões para cientista». No entanto, desiludiu-se com os vícios do meio. «Descobri que o mercado académico funciona muito em torno dos conhecimentos».

#### Cientista-vagabundo

Actualmente, prestes a findar a bolsa do seu pós-doc, diz-se «à coca» de possíveis concursos, enquanto trabalha como actor «freelancer» - de momento interpreta o vagabundo Willy, um dos protagonistas da peça **Timbuktu - Trilogia do Cão**, em cena no Teatro da Trindade. Aliás, foi para melhor compor esta personagem que deixou crescer as barbas. «De resto, já vou sendo conhecido no meio científico. No ano passado, ajudei a organizar o encontro de biologia evolutiva. Parece-me que o mais certo é ver-me obrigado a renovar o pedido de pós-doc»...

#### Com o mar ao lado

Não fora o facto de estar saturado das incertezas de um estatuto de bolseiro, Telmo Morato, 33 anos, estaria a viver uma das melhores fases da sua vida. Pai de uma menina de um ano, este tripeiro de gema descobriu no Faial, Açores, a morada ideal. «Tornou-se essencial esta proximidade com o mar», declara. Depois de um mestrado em Ecologia, tirado em Coimbra, e concluído o doutoramento na Universidade do Canadá, onde realizou uma tese sobre a «Ecologia e Pescas de Montes Submarinos», Telmo seguiu o incontornável: Um pedido de bolsa de pós-doc à FCT, para continuar os estudos no Departamento de Oceanografia e Pescas da Universidade dos Açores. «É sem pretensão que digo que fiquei em primeiro lugar no 'ranking' das bolsas de pós-doc. Eu que me licenciéi com média de 13



JORGE FONTES

TELMO MORATO com a sua tese sobre o mundo subaquático dos Açores

valores». Regressou às origens, e ao mar onde tanto gosta de mergulhar, para estudar o mundo oceânico e o ecossistema costeiro dos Açores.

«Somos os novos investigadores deste país e nunca sabemos com o que podemos contar a longo prazo. Com a idade que tenho, se estivesse integrado nos quadros de uma empresa, já teria alcançado o topo da carreira e encontrarme-ia economicamente estável. Muitas vezes penso que a minha vida seria mais simples se abandonasse a investigação e fosse trabalhar noutra área. Isto não mata, mas mói!»

Velho de mais com habilitações a mais

Aos 33 anos, Rui Borges já acumula no seu currículo a 5ª bolsa de investigação, que se traduz num doutoramento, feito na Irlanda, e em quatro pós-doutoramentos. Presentemente, realiza trabalho de investigação na área de Física da Matéria condensada, no centro de Física da Universidade de Lisboa, o que, trocado por miúdos, quer dizer que investiga as potencialidades e qualidades de novos materiais magnéticos. Mostra-se muito céptico quanto ao amanhã: «Analiso a minha vida com muita apreensão. Porque

quando esta bolsa terminar, o que acontecerá daqui a três anos, terei 36 anos. A possibilidade de adquirir nova bolsa será menor, assim como será diminuta a possibilidade de encontrar emprego. Serei velho de mais, e terei habilitações a mais. Prevejo que devo esconder na clandestinidade os 15 anos em que andei a estudar».



RUI BORGES no seu laboratório de Física onde busca novos materiais magnéticos

Texto de Bernardo Mendonça  
Fotografias de José Ventura

### Bolsas em números

A Associação de Bolseiros de Investigação Científica (ABIC) realizou a 30 de Outubro uma concentração de bolseiros frente à AR (foto em baixo). Objectivo: alertar para a precariedade vivida pelos jovens investigadores em Portugal. Sob o mote «Cientistas nas Lonas»,



cerca de uma centena de novos cientistas compareceram ao local, e criticaram a falta de perspectivas de inserção profissional uma vez terminadas as bolsas. Queixas que cobrem também a ausência de uma digna protecção social; a deficiente assistência na doença ou a falta de assistência na eventualidade de desemprego.

### **Bolsas (de formação avançada)**

Atribuídas pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) em 2003 (principal entidade a conceder bolsas em Portugal): **5237**; Bolsas de 58 outras entidades em 2003: **3392**; Total de bolseiros em 2003: **8629**

### **Valores das bolsas atribuídas pela FCT:**

Bolsa de pós-doutoramento (pós-doc) - **1.495** euros (Portugal) **2.245** euros (estrangeiro); Bolsa de Doutoramento (Doc) - **980** euros (Portugal), **1.710** euros (estrangeiro); Bolsa de Iniciação Científica (BIC) - **385** euros e **700** euros

Enviar 

Imprimir 

Comentar 